

*Desde sempre
nós
as fadas.*

*Desde sempre
acima do mundo de baixo
a observar o que aí se urde.*

*Nós
as fadas
escondidas no interior da gruta
na vertical da escarpa
discretas
curiosas.*

*Nós
as fadas
que do mundo de baixo
tanto teríamos a contar.*

Tive-o como aluno. Há uns bons vinte anos. Numa turma com vários níveis. Na primária.

Era muito alto. Muito mais alto do que os outros da mesma idade. E mesmo — parece-me — mais alto do que a mãe. Mas posso estar enganada. Era a impressão que dava. Era entroncado para uma criança daquela idade. Largo de ombros. Era realmente espadaúdo, mas, sobretudo — repito — deveras alto.

Não, não terminou a primária. Aquilo, digamos, correu mal. Não com ele, não, com ele acabava por ser bastante simples. Mas com a mãe. Ela não quis aceitar. Não quis fazer o que aconselhámos. Recusou o percurso proposto, tudo o que costumamos fazer nesses casos. Fechou-se, numa obstinação total. Desde então ele nunca mais apareceu. Nunca mais voltou às aulas.

Não, ele não gostava da escola — enfim, não sei se devo dizer desta maneira. Digamos antes que tinha medo das outras crianças. E de mim também, penso eu. Tinha mesmo medo — pelo menos é o que sinto, por causa das reacções que ele podia ter. Sentei-o ao fundo da sala, sozinho. Era importante para ele, ficar sozinho. Era ponto assente com os outros alunos. Não nos aproximávamos, respeitávamos a sua solidão. Mesmo eu ia o menos possível ter com ele.

Se o deixássemos ao fundo, sozinho, se o esquecêssemos — enfim, quero dizer, se procedêssemos como se o tivéssemos esquecido —, era mais fácil. A verdade é que podíamos perfeitamente tê-lo esquecido. Ele não fazia barulho, não falava. Nunca falou. Penso que era de nascença. Mas ter informações a seu respeito foi sempre muito complicado. O mais estranho é que, quando nos aproximávamos dele, punha-se a rosnar. Rosnava como um cão — peço desculpa, é terrível dizê-lo assim, mas era a sensação que dava, um cão. Aproximávamo-nos e ele rosnavava. Então recuávamos. Para ele se acalmar. Também por reflexo, para nos protegermos. Recuávamos como diante de um cão — lamento estar a contar isto de uma forma tão crua, mas de facto era essa a impressão que dava. Logo que nos afastávamos, ficava calmo. Tinha necessidade de um perímetro de segurança. Havia um limite que não podíamos ultrapassar. Se nos aproximássemos demasiado, parecia sentir a nossa presença como uma intrusão. Como uma provocação.

Não sei o que é que ele compreendia. Não sei. Nunca consegui saber. Penso que de pouco servia deixá-lo sentado, sozinho, ao fundo da sala de aula. Dava-me a impressão de o estar a abandonar. Numa instituição especializada, poderiam ajudá-lo. Proporcionar-lhe outros apoios. Enfim, é o que penso. Na aula, no meio dos outros, com um programa para respeitar, não podia fazer grande coisa — é o que me parecia, mas posso estar enganada, não sei.

Sim, tentei contactar de novo a mãe. Retomar a conversa. Queria que ele voltasse à escola. Tentei. Porém, eles não moravam na aldeia, mas mais longe, a vários quilómetros de Ourdouch. Se bem me lembro, não tinham telefone. E a mãe

não respondia às cartas. Os meus superiores também tentaram. Foi inútil. Eles eram incontactáveis.

Que ele tivesse tido uma filha? Ah, não, isso nem me passa pela cabeça. Não, não é concebível — enfim, nem consigo imaginar uma coisa dessas. E de quem podia ele ter tido uma filha? Mas suponhamos que sim. Suponhamos que, não sei como, uma mulher tivesse engravidado dele. Onde teria essa mulher passado depois todo o período da gravidez? E onde estaria agora? Não, não consigo imaginá-lo pai.

Que tivesse recolhido, encontrado, recuperado — enfim, não sei como dizer —, que se tivesse visto com uma criança e tivesse cuidado dela, também me parece improvável. Não se interessava por nada. Nunca consegui captar-lhe a atenção. Nunca. Não acredito nesse boato de que era ele que criava a criança. Não. Esse género de histórias só existe nos contos fantásticos. E, mesmo nesses, quando o ogre se interessa por uma criança é mau sinal.

Era preciso intervir. Era a solução mais sensata. Em breve saberemos de onde veio a pequena, quem é ela, o que fazia lá em cima. A vida deles foi sempre um mistério. Nunca compreendemos nada daquilo. Desde que ele deixou de ir à escola — e estou a falar-vos de acontecimentos que tiveram lugar há mais de vinte anos —, desde essa época, nunca mais ninguém o viu.

Sim, ouvi aquele senhor dizer que se dava com eles há anos. E que o Urso — toda a gente lhe chama assim —, que o Urso o ajudava a curar os animais. Não acredito nisso. Em minha opinião, ver aparecer uma equipa da televisão

dá ideias a algumas pessoas. Inventam coisas para se exibirem em directo. Para falarem à frente de um microfone. Para se verem no telejornal. Não, acreditem em mim, nada disso faz sentido. O rapaz — aquele a quem chamam, pois, o Urso — teve sempre um grande atraso mental. E esse atraso tornou-o completamente associal. A mãe fez mal em não o confiar ao cuidado de terapeutas competentes quando era necessário, como eu lhe tinha aconselhado. Não é preciso ir mais longe. No que respeita à questão da miúda, veremos. O melhor é confiar na justiça.

Em minha opinião, só através da mãe — a tal Mariette — poderemos ficar a conhecer o cerne da história. Estou quase certa de que ela tem a explicação. Basta conseguir fazê-la falar. É teimosa — sei-o por experiência própria. Para mim, ela é a chave do mistério. E não ele, que é incapaz de esconder ou de inventar seja o que for. E, aliás, por que razão a criança não havia de ser dela? Que idade tem agora essa mulher? Já vimos outras terem filhos em idades avançadas, não? O que posso dizer — o que posso mesmo afirmar — é que essa mulher já falhou nos seus deveres para com o primeiro filho. Assim, deixá-la criar um segundo filho — ainda por cima na companhia do mais velho, que se pode revelar violento, como já se viu —, deixar-lhe essa criança, deixá-la crescer em semelhante contexto familiar, parece-me mais criminoso do que tirar-lha. É isso que penso. Com a rapariga, ela está a comportar-se de novo de forma leviana. Nem sequer a declarou — hoje em dia, não passa pela cabeça de ninguém não declarar uma criança. Penso que essa Mariette, tal como o filho, revela graves distúrbios psicológicos. Que precisa verdadeiramente de ajuda. Não a considero capacitada para criar como deve ser uma criança

pequena — faço notar que o que estou aqui a dizer só me compromete a mim, mas é a minha opinião.

Não, francamente, não estava à espera de uma história destas — embora sempre tenha pensado que ele devia ser seguido. Quando se assustava, tornava-se verdadeiramente aterrador. Não me perdoo por não ter insistido mais. Por não ter chamado a mãe à razão. Por não ter ido a casa deles para lhes falar com mais tempo. Por não ter conseguido convencê-la. Ele precisava de ser seguido. Precisava mesmo. Não o ter feito levou ao que levou — não me perdoo por não ter conseguido.

Então pensa que ele possa de facto tê-la criado, cuidado dela, protegido? Ele? Para falar com franqueza, não posso estar de acordo, acho essa hipótese completamente fantástica. Nunca dei nada por ele, deixado assim ao deus-dará.

Sim, sem dúvida, a menina está de perfeita saúde. Mas, mentalmente, como vai recompor-se? Ao fim de seis anos desta vida, tendo por únicos contactos o Urso e a tal Mariette, como é que pôde desenvolver-se? Só por mimetismo, tornando-se idêntica àquele desgraçado e àquela mulher desnorteada. Igualmente selvagem e associal na sua recusa de se misturar com o comum dos humanos. Imagino-a medrosa, assustada, ansiosa como eles por voltar lá para cima. Se essa Mariette me tivesse dado ouvidos, não estaríamos nesta situação. Mas ela nunca quis ouvir nada de ninguém. Como é que, agora, aquela criança vai recuperar? Como será isso possível, depois daquele início de vida — enquanto teria bastado que ele fosse seguido, como eu tinha aconselhado.